

## **JORNAL NACIONAL – 17/11/2005**

### **Pesquisas traçam retrato da desigualdade no mercado de trabalho brasileiro**

APRESENTADOR WILLIAM BONNER: Diferentes pesquisas divulgadas hoje traçaram um retrato das desigualdades no mercado de trabalho brasileiro. Os estudos mostram que entre as mulheres negras o desemprego é maior e os salários menores.

REPÓRTER: São 11 horas por dia, de segunda a sexta, um sábado sim, outro não. A jornada de trabalho de Maria José Santos é pesada. Ela cozinha, passa roupa, arruma a casa e ainda cuida das crianças da patroa. Baiana, está há 15 anos em São Paulo. Procurou todo tipo de serviço. Acabou empregada doméstica.

MARIA JOSÉ DOS SANTOS/ EMPREGADA DOMÉSTICA: Eu fiz curso de cabeleireira e gostaria de levar a frente. Mas tem que ter dinheiro e dinheiro é o que pobre não tem.

REPÓRTER: Pesquisas do Dieese e da Organização Internacional do Trabalho (OIT) mostram que a situação de Maria José é muito parecida com a de mais da metade das seis milhões de empregadas domésticas que existem hoje no Brasil. Elas são negras, tem entre 25 e 40 anos de idade e não conseguiram concluir o ensino fundamental.

ANA CLAUDIA FARRANHA/ OIT: Você não completou o estudo, o ensino fundamental e você precisa prover sua necessidade. O emprego doméstico acaba vindo como uma urgência de uma necessidade que você não consegue transpor.

REPÓRTER (narração de um quadro com a indicação "Fonte: Ipea e Unifem"): Outra pesquisa divulgada hoje revela que as mulheres negras têm a menor renda mensal entre os brasileiros: em média, quase R\$ 280. É bem menos do que ganham os homens negros, praticamente a metade do rendimento das mulheres brancas e um terço do salário dos homens brancos. Além disso, 16,6% das mulheres negras estão desempregadas, é o dobro do desemprego entre os homens brancos, grupo em que o desemprego é menor. Para os pesquisadores, essa desigualdade é histórica e só vai diminuir se houver uma ação coordenada entre as áreas social e econômica.

PATRÍCIA COSTA/ ECONOMISTA DO DIEESE: De um lado, o crescimento econômico continuado, geração de empregos. De outro, a permanência na escola, e por outro fazer uma campanha maciça contra a discriminação e contra o preconceito.

WALDIR QUADROS/ PROFESSOR DA UNICAMP: O melhor caminho seria enfrentar a questão social e, por tabela, nós estaríamos resolvendo a questão racial, de uma forma menos conflitiva.

APRESENTADOR: Das mulheres negras, 46% nunca passaram por um exame clínico de mama. Entre as brancas são 28%.

## **Jornal da Record**

19h30

17/11/2005

### **Pequisas revelam que brasileira negra trabalha mais, ganha menos e tem expectativa de vida menor**

APRESENTADOR BORIS CASOY: Duas pesquisas divulgadas hoje revelam que a brasileira negra trabalha mais, ganha menos e tem menor expectativa de vida. A reportagem é de Bianca Vasconcellos.

REPÓRTER BIANCA VASCONCELLOS: Elas estudam menos, trabalham mais, ganham menos e correm o risco de não ter aposentadoria. Pelo estudo do Dieese para a Organização Internacional do Trabalho, que promove o trabalho decente no Brasil, o que menos a mulher negra tem é um trabalho decente, a começar pelo tipo de trabalho. Em São Paulo 30% das mulheres negras são empregadas domésticas, enquanto 13% das mulheres não-negras trabalham em residências.

Entre as empregadas domésticas, o número de crianças e adolescentes negras nas principais capitais do país chega a 3%. Crianças e adolescentes que não são negros são menos de 1%. Mais da metade não tem carteira assinada, nem contribui para a Previdência Social.

ANA CLÁUDIA/ COORD. PROJETO: A consequência disso é que você tem uma desproteção total. Precisa de trabalho, licença maternidade, principalmente aposentadoria.

REPÓRTER: A mulher negra ganha 58% menos que o homem branco. A mulher branca também ganha menos que o homem, mas a diferença é menor - 20%. A taxa de desemprego entre as mulheres não-negras é de 18% contra 25% entre as negras.

ENTREVISTADA: A mulher negra, ela acaba sendo, então, duplamente discriminada, por ser mulher e por ser negra.

REPÓRTER: As perdas de uma mulher negra não estão apenas no mercado de trabalho. Podem ser contabilizadas por aquelas que habitam os grandes centros e têm pequena ou nenhuma chance de acesso à qualidade de vida. Uma segunda pesquisa divulgada hoje pelo Fundo de desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher, em parceria com o Ipea, revela que 46, 27% das negras brasileiras nunca fizeram o exame de mama. Entre as brancas, 28,73%. A expectativa de vida das mulheres brancas é de quase 74 anos. Das mulheres negras é de 69 anos e meio. Noventa e três por cento dos negros não têm acesso a computador; 95% não têm Internet e 71% não têm celular.

APRESENTADOR: Temos que enfrentar situações como essas, que têm, evidentemente, um componente racista.

## **JORNAIS**

O Globo  
18/11/2005

### **Mulheres negras são discriminadas, diz Ipea**

BRASÍLIA. Estudo divulgado ontem pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) confirma que as mulheres negras são discriminadas no mercado de trabalho. Do universo de negras existentes no país em 2003, 22,4% eram empregadas domésticas. Entre as brancas, o percentual das que estão no serviço doméstico é de apenas 13,3%, sendo que 30% delas têm carteira assinada. As negras com carteira correspondem a 23,4%.

A pesquisa revela ainda que as mulheres negras recebem 30% (R\$ 279,70) do salário dos homens brancos, de R\$ 931,10. O desemprego entre as negras é de 16,6%, duas vezes maior do que os homens brancos.

— Os dados mostram uma dupla discriminação de negros e mulheres — disse uma das autoras do estudo, Luana Simões Pinheiro.

Ela destacou que o estudo, que usou dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2003 do IBGE, confirma que as mulheres ganham dois terços dos salários pagos aos homens, mas que as negras estão sempre em desvantagem em todos os aspectos (educação, saúde, emprego, salário e renda). No quesito saúde, por exemplo, existe uma enorme disparidade entre mulheres brancas e negras. Negras são maioria em trabalhos domésticos. De um total de 49 mulheres com mais de 25 anos, 28,7% das brancas nunca fizeram um exame clínico de mama, enquanto que o percentual de negras sobe para 46,3%. Outro estudo divulgado ontem pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em parceria com o Dieese, em seis regiões metropolitanas (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo e Distrito Federal), é reforçada a tese de que emprego doméstico é ocupação para negras. Do total de assalariadas nessas capitais, mais de 24% são empregadas domésticas negras, ao passo que o universo de trabalhadoras domésticas brancas varia entre 6% e 13%. As trabalhadoras negras também ganham menos do que as brancas em todas as cidades abrangidas pela pesquisa. Chamou a atenção ainda o fato de que a maioria das empregadas domésticas negras tem ensino fundamental incompleto. (Geralda Doca)

## **OESP**

18/11/2005

### **Negras ganham 30% do salário de homem branco**

BRASÍLIA - O salário médio de um homem negro no Brasil não chega à metade do que recebe um homem branco. Uma mulher negra tem rendimentos que só chegam a 30% do salário de um homem branco. Os dados coletados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostram que, enquanto ser negro ajuda a piorar a situação social de uma pessoa, ser mulher e negra a põe na última linha social.

A pesquisa Retratos da Desigualdade foi preparada pelo Ipea com base em números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad). Os dados salariais de 2003

mostram que a média de rendimentos de um homem branco chega a R\$ 881,11. Na outra ponta, uma mulher negra recebe, em média, R\$ 279,70.

Apesar de terem escolaridade maior que os homens, as mulheres - tanto brancas quanto negras - recebem salários inferiores. As mulheres negras ainda têm mais dificuldades de encontrar empregos melhores e com carteira assinada do que as brancas.

## **DOMÉSTICAS**

Os dados mostram que 21% das mulheres negras que trabalham estão empregadas em serviços domésticos e apenas 23% delas têm carteira assinada. Já entre as mulheres brancas apenas 12,5% são empregadas domésticas e 30% delas têm registro na carteira.

"É uma perversa manifestação da dupla discriminação que atinge mulheres negras e faz com que estas, vítimas do racismo e do sexismo, encontrem-se concentradas nos piores postos de trabalho, recebendo os menores rendimentos, sofrendo com as relações informais de trabalho e ocupando as posições de menor prestígio na hierarquia profissional", diz o estudo apresentado ontem pelo Ipea.

## **SAÚDE**

A pesquisa revelou, ainda, que a maior dificuldade de acesso da população negra aos serviços de saúde faz com que algumas doenças, como diabetes e hipertensão, apareçam com mais frequência nessa população.

Enquanto 28,8% dos brancos de 45 a 59 anos têm problemas de hipertensão, a doença atinge 32,3% dos negros. As mulheres negras são ainda mais atingidas pela doença que os homens: 35% delas têm a doença, ante 24,6% das mulheres brancas. As maiores vítimas da hipertensão são as mulheres negras acima de 60 anos (57,5%).

O acesso à saúde e as dificuldades sociais se refletem na expectativa de vida. Nos dados mais recentes, de 2000, a expectativa de vida de uma mulher branca era de 73,8 anos. De uma negra, 69,5 anos. Entre os homens brancos, 68,2 anos e entre os negros, 63,2 anos.

**Jornal do Brasil**  
**18/11/2005**

### **Negro ganha 50% menos que branco**

BRASÍLIA - Duas pesquisas divulgadas ontem revelam a mesma realidade: os negros ainda enfrentam uma grande barreira para ter acesso ao mercado de trabalho. E quando conseguem, os salários são bem menores, principalmente para as mulheres. De acordo com a pesquisa, realizada pelo Fórum de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o salário médio mensal do homem branco era de R\$ 931,1, em 2003, enquanto o do homem negro R\$ 428,3. A mulher branca ganhava R\$ 554,6 e a negra, R\$ 279,7.

Assim como essa pesquisa, o levantamento do Dieese e da Organização Internacional do Trabalho (OIT) feito em seis regiões metropolitanas, revela que entre os trabalhadores homens negros é maior a ocupação em situações vulneráveis (sem carteira assinada, por exemplo), com a variação de 43,2%, em Salvador, a 32,8%, no Distrito Federal, no período de 2004 e 2005. Já entre os não-negros, esses patamares ficaram entre 35,6% em Recife e 23,9%, no DF. No caso das mulheres negras, a situação é ainda mais alarmante: em Salvador, Recife e São Paulo, o percentual ultrapassou os 50% das ocupações em situações vulneráveis.

De acordo com a pesquisa, esse quadro é resultado da concentração das mulheres no trabalho doméstico. Um exemplo que chama a atenção é o caso de Salvador, onde 80% da população é negra. Nessa região, 51% da população negra é assalariada (diversos empregos) e 22,1% são empregadas domésticas. Já entre as mulheres não-negras, o nível de emprego doméstico é bem menor: 6,2% - e as assalariadas são 67,1%. O peso desse emprego entre as negras é de 23,9%, enquanto que no caso das mulheres não-negras, o percentual é bem menor: 14,1%. No total, o país conta com 6 milhões de empregadas domésticas.

A coordenadora do Programa Gênero, Raça, Pobreza e Emprego da OIT, Solange Sanches, ressalta que o emprego doméstico é uma atividade pouco valorizada por parte da sociedade e caracterizada pelos baixos salários, elevadas jornadas de trabalho, ausência de contribuição à Previdência Social e em grande parte sem carteira assinada.

Dado alarmante é a persistência do trabalho doméstico infantil. Cerca de 3% das meninas negras com idade entre 10 e 17 anos trabalham como domésticas em Belo Horizonte, Recife e São Paulo. Em Salvador, a proporção é de 4%.

Quanto à escolaridade, a maioria tem ensino fundamental incompleto, de 56,4% a 63,9%, entre as negras. Já entre as não-negras, varia de 54,7% a 64,7%.

Em resposta aos dados apresentados, a ministra Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial, afirmou que o governo lançou na última semana, o Plano de Trabalho Doméstico Cidadão, um conjunto de ações que visam aumentar a qualificação profissional e a escolaridade das mulheres negras domésticas e o acompanhamento da legislação pertinente. Além disso, a ministra citou o ProUni (Programa Universidade para Todos), que tem atendido a afro-descendentes, além de outros estudantes brasileiros.

## **Correio Braziliense - 18/11/2005**

### **Discriminação tem preço**

Pesquisas apontam que taxa de desemprego entre mulheres negras chega a ser o dobro da registrada pela população branca masculina. Salários de afrodescendente são até 52% menores por causa da cor

---

Mariana Flores e Breno Lobato  
Da Equipe do Correio  
Fotos: Kleber Lima/CB

Gerente de uma rede de lojas femininas, Maria Abadia ainda enfrenta preconceitos no trabalho

A situação da mulher negra no mercado de trabalho brasileiro está cada vez mais vulnerável. Elas são as mais prejudicadas pelo desemprego. Quando conseguem uma ocupação, desempenham atividades em condições mais precárias e recebem salários inferiores aos dos demais trabalhadores. A taxa de desemprego entre mulheres negras chega a ser o dobro da registrada entre homens brancos (veja gráfico). Na média, elas ganham três vezes menos do que os homens brancos e quase a metade do que as mulheres não negras. Na maioria dos casos, a escolaridade média dos brancos é superior à dos negros e a discriminação contribui para aumentar a diferença. "Algumas pesquisas mostram que 52% da diferença salarial entre negros e brancos se deve à discriminação e não à escolaridade", afirma Vera Soares, coordenadora do Programa de Igualdade de Gênero e Raça do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem).

Em comemoração à Semana da Consciência Negra, três institutos divulgaram ontem estudos retratando as desigualdades de raça e gênero. Os dados mostraram que o preconceito é maior quando se trata da cor da pele. Segundo números do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), as mulheres brancas ganham, em média, melhor que os homens afrodescendentes, apesar de terem salários inferiores aos dos homens brancos. Em média, elas ganhavam R\$ 279,70 em 2003. No caso dos homens negros, os salários subiram para R\$ 428,30. Já as mulheres brancas receberam, em média, R\$ 554,60 em 2003 e os homens brancos, R\$ 931,10. "Os negros (somados à população declarada como parda) somam 46% da população brasileira. Detalhamentos como estes nos estimulam a pensar no que fazer. Estamos lançando campanhas publicitárias voltadas para o campo empresarial com o objetivo de aumentar as contratações dos negros", diz a ministra Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. O ingresso no mercado de trabalho está cada vez mais difícil. O desemprego cresceu em todas as classes no período pesquisado pelo Ipea — entre 1996 e 2003 —, mas as mulheres, especialmente as negras, foram as mais prejudicadas. Em 2003, de cada 100 mulheres negras no mercado de trabalho, 16 estavam desempregadas. Em 1996, o número era menor — 11 procuravam uma vaga. No último ano pesquisado, a taxa de desemprego das mulheres brancas era de 13,3% e as dos homens negros e brancos, de 9,9% e 8,3%, respectivamente.

## **Brasília**

Outra pesquisa, elaborada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) com dados de janeiro a setembro, mostra a realidade das mulheres negras no Distrito Federal. De cada 100 trabalhadoras afrodescendentes da capital federal, 24 estão desempregadas. O número cai para 13 quando se aborda o universo dos homens brancos. No caso das mulheres brancas, a proporção de desempregadas diminui para 21%. Também no DF, quando conseguem um posto de trabalho, as negras são as que mais sofrem com as condições precárias do emprego. De acordo com o estudo, 41,3% delas se encontram em situação de vulnerabilidade, seja por não ter carteira assinada, ser trabalhadora familiar não-remunerada ou empregada doméstica.

Assim como mostrou o relatório do Ipea, em Brasília os salários dos afrodescendentes são, em geral, mais baixos. Em média, cada trabalhador não-negro recebe, mensalmente, R\$ 1.634. O rendimento cai para R\$ 1.071 por causa da cor da pele. As mulheres negras recebem, em média, 50,8% dos rendimentos pagos aos homens brancos. Segundo os dados do Dieese, em outras regiões metropolitanas as diferenças

salariais pela cor da pele podem ser ainda maiores. Os extremos são verificados em Salvador. Na capital baiana, as mulheres negras ganham apenas 39,2% dos salários pagos aos trabalhadores brancos.

É preciso ter jogo de cintura para lidar com o preconceito, segundo Maria Abadia de Souza Bernardo, 44 anos, gerente-geral no DF da rede de lojas femininas Cori. Não são raros os casos de pessoas que pedem para falar com a chefe dela. Com dezenas de funcionários sob seu comando, ela coordena três lojas nos maiores shoppings da cidade. "Às vezes, quando tem algum problema, as pessoas pedem para falar com o gerente ou com alguma pessoa que esteja em um cargo acima do meu", afirma, lembrando que muitos clientes duvidam que ela seja a chefe em Brasília. "Há discriminação, mas quando isso ocorre procuro mentalizar e fingir que não é comigo", diz. Maria Abadia afirma que sempre se preparou para desempenhar a função que ocupa. "Sou capaz e só estou bem posicionada por isso. Sou muito bem paga, mas no início a discriminação era ainda maior. Colegas de trabalho me olhavam como se eu fosse pior e não tivesse a mesma qualificação", lamenta.

O emprego doméstico é o destino de 24 em cada 100 mulheres negras que estão no mercado de trabalho. O volume é bem maior que o de trabalhadoras brancas. Entre elas, a proporção é de 14 empregadas domésticas para cada 100 ocupadas, segundo os dados divulgados ontem pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese). Somadas, as empregadas domésticas somam 6 milhões de pessoas em todo o país.

Nas seis regiões metropolitanas pesquisadas o número de mulheres negras ocupadas no emprego doméstico atinge o dobro do volume das não-negras, segundo dados de 2003 e de 2004. Em Brasília, que possui 60% de sua população formada por pardos e negros, a proporção é de 24,3% e 12,3%, respectivamente. A maior diferença ocorre em Salvador, cidade onde 80% da população é negra. O percentual de afro-descendentes que trabalham como domésticas é de 22,1%, mais que o triplo do volume das brancas — 6,2%.

Das domésticas brasilienses que são negras, 80,2% trabalham como mensalistas. Já no caso das brancas a proporção sobe para 83,7%. Destas, em torno de 35% têm carteira assinada. Exceção por ter carteira de trabalho assinada, a doméstica Vanusa Dimas da Silva, 33 anos, diz que a discriminação é mais social do que racial. Na profissão, não vê discriminação de cor, mas acredita que isso acontece quando se pede boa aparência. "Nunca fui discriminada pela cor, mas por ser doméstica. Não temos direito nenhum, nem FGTS, nem seguro desemprego".

As brasilienses, negras e brancas, saem em desvantagem em relação aos rendimentos, apesar de viverem na cidade com maior renda per capita do país. "Paga-se muito pouco às empregadas. Isso mostra o quanto elas são discriminadas", avalia a diretora da OIT no Brasil, Laís Abramo. As domésticas negras recebem, em média, por hora trabalhada R\$ 1,77, valor superior ao pago em Belo Horizonte (R\$ 1,75), Recife (R\$ 1,08) e Salvador (R\$ 1,18). Mas abaixo dos salários de Porto Alegre (R\$ 2,23) e São Paulo (R\$ 2,34).

As domésticas negras em Brasília recebem, em média, R\$ 1,78 por hora trabalhada. A jornada média semanal é de 44 horas a 47 horas. (MF)

---

## **Emprego cresce menos**

Marcelo Tokarski  
Da equipe do Correio

A criação de empregos com carteira assinada continua perdendo força no país. De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgado ontem pelo Ministério do Trabalho, o mercado formal abriu em outubro 118.175 novas vagas, quase 12 mil a menos do que as 130.159 geradas no mesmo mês do ano passado. No acumulado do ano, foram criados 1,562 milhão de postos de trabalho, também abaixo dos 1,796 milhão do mesmo período de 2004. Nos últimos 12 meses, foram 1,253 milhão.

De acordo com o ministro Luiz Marinho, a redução do ritmo de contratações é puxada pelo desempenho da indústria, que este ano está contratando bem menos do que em 2004. Em outubro, por exemplo, o setor criou 26.338 postos, metade do volume gerado no mesmo mês do ano passado. "A indústria vem desacelerando, mas pelo menos não está caindo", ressaltou o ministro. "Isso é resultado da nossa querida Selic, além do câmbio, que também afeta os setores exportadores", explicou. Entre os oito setores que integram o Caged, apenas a agropecuária registrou saldo negativo (mais demissões que contratações) em outubro, com 28.746 vagas fechadas.

## **Gazeta Mercantil 18/11/2005**

### **Mulheres brancas recebem o dobro do valor pago às negras**

Brasília, 18 de Novembro de 2005 - Duas pesquisas divulgadas ontem revelam a mesma realidade: os negros brasileiros ainda enfrentam uma grande barreira para ter acesso ao mercado de trabalho. E quando conseguem, os salários são bem menores, sobretudo para as mulheres negras. Segundo a pesquisa, realizada pelo Fórum de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o salário médio mensal do homem branco era de R\$ 931,1 em 2003, enquanto a mulher negra recebia R\$ 279,7. A mulher branca ganhava R\$ 554,6 e o homem negro R\$ 428,3.

Assim como essa pesquisa, o levantamento do Dieese e da Organização Internacional do Trabalho (OIT), feito em seis regiões metropolitanas, revela que entre os trabalhadores homens negros é maior a ocupação em situações vulneráveis (sem carteira assinada, por exemplo), com a variação de 43,2%, em Salvador, a 32,8%, no Distrito Federal, no período de 2004 e 2005. Já entre os não-negros, esses patamares ficaram entre 35,6% em Recife e 23,9%, no Distrito Federal. No caso das mulheres negras, a situação é ainda mais alarmante: em Salvador, Recife e São Paulo, o percentual ultrapassou os 50% da ocupações em situações vulneráveis.

De acordo com a pesquisa, esse quadro é resultado da concentração das mulheres no trabalho doméstico. Um exemplo que chama a atenção é o caso de Salvador, onde 80% da população é negra. Lá, 51% da população negra é assalariada (diversos empregos) e 22,1% são empregadas domésticas. Já entre as mulheres não-negras, o nível de emprego doméstico é bem menor: 6,2% e as assalariadas são 67,1%.

No Brasil, de cada 100 mulheres negras ocupadas, quatro são empregadas domésticas. O peso desse emprego entre as negras é de 23,9%, enquanto que no caso das

mulheres não-negras, o percentual é bem menor: 14,1%. O País conta com 6 milhões de empregadas domésticas.

A coordenadora do Programa Gênero, Raça, Pobreza e Emprego da OIT, Solange Sanches, ressalta que o emprego doméstico é caracterizado pelos baixos salários, elevadas jornadas de trabalho, ausência de contribuição à previdência social e, em grande parte, sem carteira assinada. O emprego doméstico ainda é uma das principais formas de inserção no mercado de trabalho, sobretudo para as mulheres negras.

Outro dado alarmante na pesquisa é a persistência do trabalho doméstico infantil - 3% das meninas negras com idade entre 10 e 17 anos trabalham como domésticas em Belo Horizonte, Recife e São Paulo. Em Salvador, a proporção é de 4%. Quanto à escolaridade, há um expressivo percentual de mulheres brancas e negras, com o ensino médio completo, que varia de 9% a 17%, nas seis regiões pesquisadas. Mas a maioria tem ensino fundamental incompleto, de 56,4% a 63,9%, entre as negras. Entre as não-negras, varia de 54,7% a 64,7% em cinco regiões - em Salvador a quantidade de mulheres brancas domésticas é tão pequena que não foi contabilizada essa porcentagem na pesquisa.

Em resposta aos dados, a ministra Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial, diz que o governo lançou, na última semana, o Plano de Trabalho Doméstico Cidadão, um conjunto de ações que visam aumentar a qualificação profissional e a escolaridade das mulheres negras domésticas e o acompanhamento da legislação pertinente.

A ministra também citou o Programa Universidade para Todos (ProUni), que tem atendido a afro-descendentes, além de outros estudantes brasileiros. "O impacto dessas ações não se dará de imediato, mas daqui a 10, 20 anos. Não acho assustador que os dados repitam o que a gente já sabe. É necessário divulgar os dados, para haver uma maior conscientização", diz.

kicker: No Brasil, de cada 100 mulheres negras ocupadas, quatro são empregadas domésticas, segundo estudo do Ipea

**(Gazeta Mercantil/Caderno A - Pág. 6)(Kelly Oliveira)  
Diário do grande ABC**

18/11/2005 - 08h32

**Mulheres negras ganham menos**

Frederico Rebello Nehme  
Do Diário do Grande ABC

As mulheres negras ganham menos, são mais afetadas pelo desemprego e têm baixo grau de instrução na Grande São Paulo. Essas são as principais conclusões de uma pesquisa divulgada quinta-feira pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos).

O estudo, que tem como base os dados da PED (Pesquisa de Emprego e Desemprego) de 2004 e 2005, também indica que a maioria das mulheres negras empregadas (50,7%) está em postos de trabalho "vulneráveis" - sem carteira assinada, atividades familiares não remuneradas e trabalhos autônomos - quase um terço das mulheres negras na Grande São Paulo trabalha como empregada doméstica.

O Dieese considerou os negros e pardos como população negra, e os brancos, orientais e de outras etnias como população não-negra. A pesquisa faz parte de um trabalho maior relacionado ao mercado de trabalho dos negros, encomendado pela OIT (Organização Internacional do Trabalho), e que ficará pronto apenas em 2006.

“Além do preconceito racial, a população negra, especialmente as mulheres, sofre com baixa escolaridade e problemas característicos de populações de baixa renda, o que dificulta uma boa inserção no mercado de trabalho”, afirmou Patrícia Lino Costa, economista do Dieese responsável pelo estudo.

Segundo a pesquisadora, a situação dos negros na Grande São Paulo melhorou entre 2004 e 2005, mas não o suficiente para mudar o quadro apresentado em 2002, quando a última pesquisa foi realizada.

“Essa situação não se altera de um ano para outro. O crescimento econômico pode inserir mais negros no mercado de trabalho, mas questões estruturais precisam ser modificadas para que haja mudanças mais profundas”, afirmou Patrícia, do Dieese.

Para Ana Claudia Farranha, diretora da OIT no Brasil, a própria estrutura social em que vivem os negros e a população pobre em geral dificulta sua ascensão social e a obtenção de melhores postos de trabalho.

“Temos uma situação que se perpetua ao longo do tempo, pois um trabalhador negro com baixa escolaridade e pouca renda dificilmente consegue quebrar o ciclo e conseguir elevar seu nível de estudo ou possibilitar que seus filhos o façam”, afirmou.

**Trabalho doméstico** – A situação das mulheres negras no trabalho doméstico é considerada como uma das mais graves pela OIT e pelo Dieese. Com pouca formalização (apenas 32,9% possuem carteira assinada), as negras no trabalho doméstico também começam cedo no ofício: 3% das meninas desse grupo na Grande São Paulo entre 10 e 17 anos são trabalhadoras domésticas.

“As empregadas domésticas apresentam problemas adicionais, como jornada de trabalho acima do legalmente permitido, o que dificulta qualquer tipo de atividade escolar, e a falta de contato com outras trabalhadoras, por causa do isolamento característico da atividade, o que inibe a ação por melhorias de trabalho”, afirmou Ana Claudia, da OIT.

## **55% dos negros do ABC são pobres**

Frederico Rebello Nehme  
Do Diário do Grande ABC

Mais da metade dos cerca de 520,7 mil negros do Grande ABC – aproximadamente 287 mil pessoas – vive abaixo da linha da pobreza, segundo estudo da ONG Observatório Afro-brasileiro.

O estudo contou com supervisão da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e faz referência a quatro cidades da região: Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema.

O trabalho teve como base a análise de microdados do Censo 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e traçou um perfil de parte dos 5.507 municípios brasileiros existentes até então.

Apesar de indicar uma situação crítica para os negros da região, o mesmo estudo avaliou o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da população negra de seis cidades do Grande ABC (com exceção de Rio Grande da Serra) como médio-alto – entre 0,7 e 0,8 –, acima da média brasileira.

**Brasil** – Um estudo divulgado quinta-feira pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e pelo Unifem (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher) sobre os negros em todo o país confirma a tendência do levantamento do Dieese.

Segundo a pesquisa, 21% das mulheres negras brasileira trabalham como empregadas domésticas e apenas 23% delas têm carteira assinada. Já entre as mulheres brancas, apenas 12,5% delas estão no serviço doméstico e 30% têm registro na carteira.

Em todas as áreas analisadas, como educação, mercado de trabalho e acesso a bens e serviços, as mulheres negras apresentam os piores indicadores.

Em média, o salário delas equivale a apenas 30% do rendimento dos homens brancos. E o desemprego (16,6%) é duas vezes maior que entre os brancos (8,3%). O estudo analisou os resultados da PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio) realizada em 2003 pelo IBGE.

### **Preconceito ainda é tabu entre negros**

Frederico Rebello Nehme  
Do Diário do Grande ABC

Os negros têm mais dificuldades no mercado de trabalho, mas não gostam de falar sobre o assunto. Essa é a realidade vivida pela fiscal de zona azul em Santo André, Maria Selma Barbosa, 21 anos. Ela diz que nunca sofreu preconceito por causa da cor de sua pele, mas reconhece que os negros sofrem mais para conseguir emprego. "O assunto é meio tabu entre nós, mas é um fato que tenho poucos colegas da mesma cor na empresa em que trabalha."

Exceção entre as mulheres negras da Grande São Paulo, Maria Selma trabalha há três anos e meio com registro em carteira de trabalho. "Eu nunca tive problemas com preconceito, mas sei que é mais difícil para uma pessoa negra conseguir um emprego, apesar de isso ter melhorado nos últimos anos. No meu trabalho, os negros são minoria", contou.

No entanto, acredita que a questão social seja também um limitador tão forte quanto o da raça. "A condição social também é motivo para discriminação, e também pode atrapalhar para arranjar um emprego", disse.

A fiscal lembra que é difícil falar sobre preconceito com colegas. "Alguns colegas falam que não conseguiram emprego por serem negros, mas em geral é difícil saber quando não conseguimos uma vaga por causa disso. Ninguém fala muito abertamente a respeito."

**Estabilidade** – A empregada doméstica Argentina Rodrigues Ferreira, 46 anos, que trabalha em São Bernardo, é testemunha da dificuldade que suas colegas enfrentam ao procurar emprego. Ela mesma enfrentou problemas quando chegou a São Paulo, vinda do interior de Minas Gerais há 30 anos. Hoje, entretanto, atingiu a estabilidade: trabalha na mesma residência há 23 anos, com carteira de trabalho e garante nunca ter sofrido preconceito no mercado de trabalho.

“Acho que nunca sofri com preconceito para conseguir emprego, até porque já trabalho na mesma casa há muito tempo. Mas tenho amigas que já tiveram problemas com isso, perderam emprego por serem negras”, afirmou.

## **Diário de Natal**

**18 de Novembro de 2005 - 17:51**

### **Estudo mostra que analfabetismo cresceu entre negros**

As disparidades entre brancos e negros se refletem também nos indicadores educacionais, conforme mostra estudo divulgado hoje pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem).

Com o nome Retrato das Desigualdades – Raça e Gênero, o estudo mostra, por exemplo, que o analfabetismo dos negros maiores de 15 anos atinge a 16,8% deles, enquanto 7,1% dos brancos nessa faixa etária são analfabetos.

Os dados são de 2003, ano em que a taxa média nacional de analfabetos é de 11,6%. A média nacional de analfabetismo, na edição anterior do estudo, em 1993, era de 16,4%. Ou seja, os negros apresentam taxa de analfabetismo bem superior a média da população como um todo, sendo o percentual de analfabetos negros hoje maior que o da população em geral há 10 anos.

A desigualdade é visível também quando se compara o crescimento na média de anos de estudo da população entre brancos e negros. Os brancos, em 1993, tinham 2,1 anos a mais de estudo que os negros.

O diferencial caiu pouco em 2003, quando os negros passaram a ter 1,9 anos a menos de estudo que os brancos. O diferencial, aponta o estudo, é menor na faixa de idade acima dos 15 anos e maior quando o item avaliado é o tempo de escolaridade. Quando o tempo na escola avaliado é de 12 anos ou mais, o diferencial entre brancos e negros cresce.

Fonte: ABr

## **Estado de Minas**

### **Estudo mostra que analfabetismo cresceu entre negros desde 1993**

20:01

As disparidades entre brancos e negros se refletem também nos indicadores educacionais, conforme mostra estudo divulgado nesta quinta-feira pelo Instituto

de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem).

Com o nome Retrato das Desigualdades – Raça e Gênero, o estudo mostra, por exemplo, que o analfabetismo dos negros maiores de 15 anos atinge a 16,8% deles, enquanto 7,1% dos brancos nessa faixa etária são analfabetos.

Os dados são de 2003, ano em que a taxa média nacional de analfabetos é de 11,6%. A média nacional de analfabetismo, na edição anterior do estudo, em 1993, era de 16,4%. Ou seja, os negros apresentam taxa de analfabetismo bem superior a média da população como um todo, sendo o percentual de analfabetos negros hoje maior que o da população em geral há 10 anos.

A desigualdade é visível também quando se compara o crescimento na média de anos de estudo da população entre brancos e negros. Os brancos, em 1993, tinham 2,1 anos a mais de estudo que os negros.

O diferencial caiu pouco em 2003, quando os negros passaram a ter 1,9 anos a menos de estudo que os brancos. O diferencial, aponta o estudo, é menor na faixa de idade acima dos 15 anos e maior quando o item avaliado é o tempo de escolaridade. Quando o tempo na escola avaliado é de 12 anos ou mais, o diferencial entre brancos e negros cresce.

## **Investnews**

### **21% das mulheres negras trabalham como domésticas**

17/11 - 14:30

BRASÍLIA, 17 de novembro de 2005 - No Brasil, 21% das mulheres negras trabalham como empregadas domésticas e apenas 23% delas têm carteira assinada. Já entre as mulheres brancas apenas 12,5% delas estão no serviço doméstico e 30% têm registro na carteira. Esse é um dos dados do estudo Retrato das Desigualdades, divulgado nesta quinta-feira (17) pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem).

O estudo mostra as desigualdades entre brancos e negros e ainda entre homens e mulheres. "Sabemos que a população negra é a mais pobre entre os pobres e que as mulheres negras são ainda mais pobres que os homens. Agora, estudos como este promovem um detalhamento dessa realidade e são fundamentais para nos direcionar em relação às prioridades da ação de governo", afirmou a ministra da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Matilde Ribeiro, no lançamento da pesquisa.

Em todas as áreas analisadas, como educação, mercado de trabalho e acesso a bens e serviços, as mulheres negras apresentam os piores indicadores. Em média, o salário delas equivale a apenas 30% do rendimento dos homens brancos. E o desemprego (16,6%) é duas vezes maior que entre os brancos (8,3%).

O estudo analisou os resultados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) realizada em 2003 pelo IBGE. Do total de 174 milhões de brasileiros, 52% se

declararam brancos e 47,3% negros. Sendo que dos negros, 41,% se consideraram pardos e apenas 6%, negros. O restante da população se declarou amarela (0,4%) e indígena (0,19%) ou não informou a raça/cor.

**As informações são da Agência Brasil.  
(Redação - InvestNews)**

O Povo - Fortaleza

**População mais sujeita a diabetes e hipertensão**

[18 Novembro 02h14min 2005]

A pesquisa divulgada ontem pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea) revelou, ainda, que a maior dificuldade de acesso da população negra aos serviços de saúde faz com que algumas doenças, como diabetes e hipertensão, apareçam com mais frequência nessa população.

Enquanto 28,8% dos brancos de 45 a 59 anos têm problemas de hipertensão, a doença atinge 32,3% dos negros. As mulheres negras são ainda mais atingidas pela doença que os homens: 35% delas têm a doença, contra 24,6% das mulheres brancas. As maiores vítimas da hipertensão são as mulheres negras acima de 60 anos (57,5%).

O acesso à saúde e as dificuldades sociais se refletem na expectativa de vida. Nos dados mais recentes, de 2000, a expectativa de vida de uma mulher branca era de 73,8 anos. De uma negra, 69,5 anos. Entre os homens brancos, 68,2 anos e entre os negros, 63,2 anos.